

A MEMÓRIA SOCIAL NO DISCURSO FOTOGRÁFICO: UM PASSEIO PELA FESTA DOS CARREIROS DE ORIZONA (GO)

SOCIAL MEMORY IN PHOTOGRAPHIC DISCOURSE: A STROLL THROUGH THE A STROLL THROUGH ORIZONA`S CARREIROS` PARTY

Anísio Batista Pereira¹
Mestre em Estudos da Linguagem
Universidade Federal de Uberlândia-UFU
(pereira.anisiobatista@ufu.br)

RESUMO: Um dos elementos relevantes do discurso é, sem dúvida, a memória discursiva, uma vez que a produção do enunciado rebusca outros enunciados que se efetivaram anteriormente, atribuindo ao enunciado presente um efeito de arquivo. Pensando nessa problemática, o presente estudo se propõe a analisar fotografias da Festa dos Carreiros, da cidade de Orizona-GO, com o objetivo de refletir sobre a memória produzida nos enunciados fotográficos dessa tradição supracitada. O *corpus* deste trabalho é composto por três fotografias da edição de 2017, evento cujas edições são anuais e realizadas pelos produtores rurais do citado município. Como suporte teórico-metodológico, a Análise de Discurso de vertente francesa será mobilizada, mais precisamente a concepção de sujeito e discurso defendida por Michel Pêcheux (1997; 2011; 2014), a memória discursiva formulada por Jean-Jacques Courtine (2009) e a noção de verdade que se apresenta em Michel Foucault (2016). Pelas análises das fotografias da referida tradição rural, cujos desfiles de carros de boi é o principal ritual da festa, é possível detectar uma memória discursiva nesses enunciados fotográficos, cujo arquivo habita no passado desses sujeitos rurais que utilizavam o referido meio de transporte nos afazeres da propriedade rural, condução que na atualidade foi substituída pelo automóvel. Assim, esse efeito de arquivo presente nas fotografias integra a memória constitutiva da formação ideológica desses sujeitos rurais, como elemento que os caracteriza como caboclos, residentes do campo.

Palavras-chave: Discurso fotográfico. Sujeito. Memória discursiva. Festa dos Carreiros.

ABSTRACT: One of the relevant elements of the discourse is undoubtedly the discursive memory, since the production of the utterance searches for other statements that have taken place previously, attributing to the present statement a file effect. Thinking about this problematic, the present study proposes to analyze photographs of the Carreiros Party, from the city of Orizona-GO, with the purpose of reflecting on the memory produced in the photographic statements of this tradition mentioned above. The corpus of this work is composed of three photographs of the 2017 edition, an event which editions are annual and carried out by the rural producers of the mentioned municipality. As a theoretical-methodological support, the French Speech Discourse Analysis will be mobilized, more precisely the subject and discourse conception defended by Michel Pêcheux (1997, 2011, 2014), the discursive memory formulated by Jean-Jacques Courtine (2009) and the notion of truth that is presented in Michel Foucault (2016). By analyzing the photographs of the aforementioned rural tradition, whose ox car parades are the main ritual of the party, it is possible to detect a discursive memory in these photographic utterances, which archive dwells

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Membro-pesquisador do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (UFU/LEDIF/CNPq). Agência de Fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais-FAPEMIG.

in the past of rural subjects who used the said means of transportation in the rural property, which has now been replaced by the automobile. Thus, this archive effect in the photographs integrates the memory constitutive of the ideological formation of these rural subjects, as an element that characterizes them as 'caboclos', residents of the countryside.

Keywords: Photographic speech. Subject. Discursive memory. Carreiro's party

Para começar a viagem...

Um carro de boi lá vai
 Gemendo lá no estradão
 Suas grandes rodas fazendo
 Profundas marcas no chão
 Vai levantando poeira, poeira vermelha
 Poeira, poeira do meu sertão.

(Luiz Bonan / Serafim Gomes)

A problemática dos estudos discursivos, disciplina de entremeio que envolve diferentes campos do saber, como história, linguística e psicanálise (não é nosso objetivo tratar da Psicanálise aqui), evidencia que o sujeito se constitui por meio de sua relação com a vida social. Desta feita, as formações ideológicas constitutivas do sujeito não são fixas, mas que sofrem mutações ao longo da história, já que é dinâmica e, por isto, o sujeito está sempre em processo de constituição. Na produção discursiva, a memória se faz presente como integrante que atribui sentido ao discurso, pela interdiscursividade que povoa um enunciado de outros enunciados já produzidos anteriormente.

Pensando nessas questões envolvendo a AD francesa, este trabalho objetiva fazer uma reflexão sobre enunciados fotográficos da Festa dos Carreiros² que acontece anualmente, tendo sua primeira edição no ano 2000, no meio rural da cidade de Orizona-GO. A festa é organizada pela Associação dos Carreiros de Orizona (ACAORI) e conta com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, por meio do Fundo de Arte e Cultura de Goiás, juntamente com os produtores rurais do município. A memória revela um passado de prática cultural arraigada na constituição ideológica dos sujeitos produtores rurais desse município goiano. Vale ressaltar que o carro de boi foi um meio de transporte bastante utilizado na referida região até o final da década

² Vale destacar a afinidade do pesquisador com o *corpus*, pela sua origem camponesa, filho de um carpinteiro da referida cidade goiana que, ao longo de sua carreira, dedicou-se à construção de carros de bois. Nesse contexto, o pesquisador vivenciou empiricamente essa cultura de carreiros, ao longo de sua infância e adolescência, quando residia no campo. Assim, podem haver, nas análises e nas considerações finais, informações para além do que as fotografias nos mostram, pelas experiências do pesquisador em relação à memória abordada.

de 1990, cuja revolução no meio rural apresenta seu início a partir desse período, em que esses sujeitos passam a utilizar outros meios para trabalho e transporte, como caminhonetes e outros tipos de carros. Com o passar dos anos, essa cultura ligada ao carro de boi vai perdendo espaço, tradição que é “engolida” pela modernização, em que essa prática rural se torna inviável. Nessa condição de extinção da prática do carreiro no município, que até os dias atuais ainda mantém mais de 50% da população residente no campo, a Festa do Carreiro é praticada como forma de resgate dessa cultura, formação ideológica de camponeses que experimentam essa sensação de ouvir a cantiga do carro de boi como uma memória que os constitui e que interpela as atuais gerações camponesas orizonenses.

Rumando em direção às fotografias da referida festa e considerando a extensão deste trabalho, este texto foi subdividido da seguinte forma: no primeiro momento, algumas abordagens sobre Fotografia, modalidade enunciativa constituinte do *corpus* da pesquisa; em seguida, aparecem problematizados alguns conceitos da AD francesa, como sujeito, discurso, formações ideológicas e memória discursiva, defendidos por Michel Pêcheux, Jean-Jacques Courtine e Michel Foucault, nessa perspectiva teórico-metodológica; posteriormente, encontra-se a análise do *corpus*, que são três (3) fotografias da festa do Carreiro, cujos resultados norteiam as discussões para as considerações finais.

Discurso, sujeito, formação ideológica e memória discursiva: alguns apontamentos

A Análise de Discurso de vertente francesa, doravante AD, é denominada de disciplina de entremeio, tendo em vista não apenas seu caráter interpretativo pelo analista, mas também de acordo com sua base epistemológica, pela aliança entre linguística, psicanálise e história. Nessa dimensão, seu fundador, Michel Pêcheux, toma por base estudos de Saussure, Lacan e Karl Max, cuja proposta do então fundado campo disciplinar aciona áreas estabilizadas para a formação dessa disciplina de interpretação pelo viés da interpretação.

Na verdade, o marxismo no qual Pêcheux se baseia nessa proposta disciplinar advém das leituras de Althusser, seu orientador acadêmico que toma como ponto de partida as formações ideológicas para fundamentar a noção de discurso e

sujeito. Essa base epistemológica será problematizada ao longo deste texto, no sentido de explicitar essas considerações no campo da AD francesa pecheutiana.

O trabalho de trazer diferentes disciplinas para a análise do discurso complexifica esse campo disciplinar, na tônica do que vem a ser discurso e sujeito a partir de um rompimento epistemológico até então abordado, haja vista que discurso vai além de simples troca de mensagem entre sujeito emissor, de um lado, e receptor de outro. Essa teoria da comunicação é superada pela noção de discurso no que tange à não transparência da linguagem e esse rebuscado realizado por Pêcheux atesta que a linguística por si só não daria conta dessa problemática, carecendo de outras áreas interpretativas para sua fundamentação. Essa disciplina possui um caráter descritivo/interpretativo, exigindo do analista considerações de outros aspectos que não a materialidade linguística. “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso” (PÊCHEUX, 1997, p. 53).

A partir dessas considerações, esse teórico vai buscar em outras áreas do conhecimento conceitos para então propor uma disciplina de interpretação que é genuinamente denominada de entremeio, pelas suas questões abordadas no campo da linguagem, em consonância com a psicanálise lacaniana e o marxismo althusseriano.

Por essas diferentes vias, a questão crucial para a análise de discurso é a do estatuto do sujeito enunciador, na fala e na escrita, na escuta e na leitura: *na medida em que ela se alinha entre as disciplinas de interpretação*, colocando em causa a existência de um metadiscurso do sentido sob os discursos, a análise de discurso não pode se satisfazer com a concepção do sujeito cognitivo epistêmico, “mestre em seu domínio” e estratégico em seus atos (face às coerções bio-sociológicas); ela supõe a divisão do sujeito como marca da sua inscrição no campo do simbólico (PÊCHEUX, 2011, p. 229-230, grifos do autor).

A abordagem que aponta para o discurso como a troca de sentidos entre sujeitos busca dar ênfase ao lugar social de onde fala o sujeito. Todo enunciador produz seu discurso a partir de um lugar, fator que justifica a problemática abordada por Pêcheux a partir de um rebuscado de outras disciplinas para seu campo teórico, sobretudo o marxismo, visto que se trata de um fator que está fora da materialidade

linguística propriamente dita e na/pela qual o sujeito se constitui. Dessa forma, a concepção desse sujeito até então considerado centrado é rompida, tanto pela noção psicanalítica, pelo inconsciente, quanto pela linguística, cujo falante não tem autonomia para mudar uma língua e, por isto, é submetido a ela. A história funciona como o exterior que influencia nesse processo de constituição subjetiva.

Nesse processo discursivo, o sujeito realiza as trocas simbólicas, nas suas vivências sociais, pela convivência com outros sujeitos, em que esses se situam em um lugar social. Esse lugar é demarcado no discurso, pela sua posição, elemento relevante para o analista de discurso, no sentido de se compreender o que está em jogo acerca das produções discursivas tendo em vista a voz que ali se faz presente.

Esse situar-se em um lugar social revela a constituição do sujeito no seio da sociedade, em que o marxismo ganha sustento, pelas lutas de classe que se traduzem em ideologias dominantes e ideologias dominadas. Ideologia, nesse âmbito discursivo, é entendida como aspecto estruturante da sociedade. Para dar conta dessa constituição do sujeito na história, Pêcheux problematiza as relações de produção e a perpetuação dessas relações de produção, uma vez que o sujeito está inserido em um sistema capitalista, ideologia dominante, e que as lutas de classes acontecem na história.

A história é um imenso sistema *natural-humano* em movimento, cujo motor é a luta de classes. Portanto, a história, ainda uma vez, *isto é*, a reprodução/transformação das relações de classes – com os caracteres infra-estruturais (econômicos) e superestruturais (jurídico-políticos e ideológicos) que lhes correspondem. É no interior desse processo “natural-humano” da história que “a Ideologia é eterna” (*omni-histórica*) – enunciado esse que faz eco à expressão de Freud: “o inconsciente é eterno” (PÊCHEUX, 2014, p. 138, grifos do autor).

A partir dessa perspectiva ideológica, vale ressaltar o cunho discursivo no âmbito dessas relações de produção, fator sócio-histórico tomado pelo estudioso supracitado para suas formulações nesse campo disciplinar. Essas noções sociais, historicamente demarcadas, provocam a formação ideológica do sujeito, aspecto que acontece de forma inconsciente, ainda que esse sujeito pense ter domínio sobre sua formação, é algo sobre o qual ele não tem controle, pois vem do exterior, uma força maior. Essas formações ideológicas advindas da exterioridade em relação ao sujeito, consoantes às lutas de classes, justificam o caráter social do sujeito do discurso, não

havendo espaço para um ser individual falando, tendo em vista que o processo de sentido se encontra no exterior da materialidade do que é produzido pela linguagem.

Esse caráter de exclusão do lado individual como instância discursiva, uma vez que o sujeito se repousa no social, apresenta como pano de fundo à interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia. Essa interpelação confere ao sujeito esse caráter de não dominação sobre suas ideologias, influências advindas a partir da história, das relações de produção vigentes em cada período.

Nesse âmbito ideológico, é evidenciado que o discurso, nessa concepção, é entendido a partir dessa denominação de sujeito ideológico, pelas trocas simbólicas que se dão nas comunicações que ganham sentido a partir desse aspecto em questão. O rompimento de uma teoria como língua transparente é então vindo à tona, já que o que está em jogo são as instâncias ligadas aos sujeitos, os seus lugares de fala, ideológicos, não a materialidade linguística em si.

Atreladas às formações ideológicas, Pêcheux problematiza a noção de formação discursiva, conceito buscado em Foucault (2008) como aquilo que pode e deve ser dito, inserindo a problemática da ideologia, além de considerar uma conjuntura dada. Essa noção de discurso ganha sustento do ponto de vista daquilo que é permitido se dizer em certo momento histórico e de acordo com a formação ideológica dos sujeitos, a partir de seus lugares de fala, de suas posições que se vinculam ao social.

Ressalte-se que a formação discursiva aparece nos primórdios da formulação desse campo disciplinar, em que os discursos (políticos) eram considerados bem estabilizados, homogêneos. No entanto, a partir da terceira fase, essa homogeneidade discursiva é colocada em xeque, elencando-se uma nova abordagem nessa questão, problematizando a noção de heterogeneidade discursiva. “Esse discurso-outro, enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência, marca, do interior desta materialidade, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico [...]” (PÊCHEUX, 1997, p. 55). Essa lógica ganha sustento quando relacionada à ideia de que um enunciado é sempre povoado de outros enunciados e, portanto, o sujeito se constitui por várias formações discursivas.

As pesquisas atuais tomam essencialmente por objeto o trabalho da heterogeneidade discursiva no jogo das contradições sócio-históricas:

analisa-se uma sequência na sua relação com o seu exterior discursivo específico (em particular seus pré-construídos, seus discursos relatados, etc.) e em relação à alteridade discursiva com que ela se defronta, ou seja, o campo sócio-histórico do qual ela se depara (PÊCHEUX, 2011, p. 229).

A heterogeneidade discursiva abarca, automaticamente, a ideia desse sujeito que se constitui pelas suas relações sociais e pertence a formações ideológicas, complexificado pelas relações sociais, outros sujeitos e discursos que influenciam na sua constituição. Dessa forma, como cada momento histórico apresenta materialidades distintas, o sujeito se constitui pelas suas condições de produção que o sustentam.

A citação acima faz referência ao pré-construído, outro elemento relevante para a nossa pesquisa sobre enunciados fotográficos que retoma o passado na constituição de rede de sentidos, tendo em vista os sujeitos inscritos em determinadas formações ideológicas. Sendo assim, esse pré-construído discorrido por Pêcheux é baseado nas formulações de Courtine (1999) quando problematiza o conceito de memória discursiva, também denominada de implícito, e retoma a noção de FD foucaultiana:

Introduzimos assim a noção de *memória discursiva* na problemática da análise do discurso político. Essa noção nos parece subjacente à análise das FD que a *Arqueologia do saber* efetua: toda formulação apresenta em seu “domínio associado” outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega..., isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos; mas toda formulação mantém igualmente com formulações com as quais coexiste (seu “campo de concomitância, diria Foucault) ou que lhe sucedem (seu “campo de antecipação”) relações cuja análise inscreve necessariamente a questão da *duração e da pluralidade dos tempos históricos* no interior dos problemas que a atualização do conceito de FD levanta (COURTINE, 2009, p. 104, grifos do autor).

Quando Foucault (2008), em **A arqueologia do saber** destaca o enunciado e o arquivo, esse filósofo considera discursos produzidos no passado como válidos para atribuição de sentidos ao presente construído. “À primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 90). Trata-se do enunciado que aparece no presente da enunciação, e arquivo, que diz respeito a discursos outros, já produzidos, que

sustentam o atual, podendo ser relacionado, ainda, com a noção de campo associado considerado na função enunciativa.

Essas questões problematizadas por Foucault entram em consonância com o conceito de pré-construído, ou implícito, em que um enunciado recupera outros enunciados, provocando um efeito de memória no enunciado presente. No entanto, não se pode afirmar que esse rebuscado apresenta caráter meramente de repetição, tendo em vista que o momento histórico na atualidade da produção discursiva é outro, o que lhe confere um caráter de descontinuidade, desestabiliza os discursos já produzidos.

[...] a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Esse encontro entre o passado e o presente confere ao enunciado o que tanto Foucault (2008) como Pêcheux (1997) denominam de acontecimento discursivo, tendo em vista a não repetibilidade do enunciado, pois ainda que a materialidade linguística (estrutura) seja repetida, o fator histórico (acontecimento) não o permite essa repetição, pelos sentidos novos que sustentam essa ruptura com os discursos anteriores.

Nessa concepção de discurso, vale assegurar que se trata de um campo disciplinar que envolve outros, o que justifica essa problemática de uma disciplina de interpretação pelo analista de discurso. E é esse trabalho que objetivamos realizar, a partir do *corpus* escolhido para análise, isto é, fotografias da Festa dos Carreiros de Orizona-GO, sublinhando a memória discursiva que é apresentada nessa materialidade enunciativa, bem como a abordagem da fotografia como memória, a seguir.

Alguns aspectos sobre fotografia, com ênfase à memória

A fotografia se faz presente em praticamente todos os âmbitos das trocas simbólicas na sociedade contemporânea, constituindo-se em uma materialidade discursiva relevante no que tange à memória e às ideologias que nela habitam, atribuindo-lhe valor como enunciado. Diante disso, este tópico pretende abordar a fotografia em direção a alguns aspectos, tais como representação de uma realidade, condições de possibilidade, ideologia e, principalmente, a memória, elemento chave do nosso trabalho. “Enquanto a memória indica o passado, o ‘percepto’, em contrapartida, assinala o presente: é a forma do percebido enquanto se o está percebendo” (GONZÁLEZ FLORES, 2011, p. 124).

A imagem fotográfica é considerada um tipo de linguagem, não verbal, que produz sentidos e que no contexto atual vem sendo utilizada para inúmeras finalidades, sobretudo com o advento das mídias digitais, que pelas redes sociais, a facilidade de circulação virtual a torna em um rápido recurso de comunicação e informação.

Em meio a essas questões, que se podem aliar os avanços tecnológicos à fotografia, as criações artísticas seduzem o público “consumidor” desse meio interativo, bem como pela própria evolução da rapidez que se torna cada vez mais apreciada no momento presente. Dessa forma, a utilização da fotografia supera a comunicação pela linguagem verbal, sobretudo pelo fato de representar com maestria uma realidade.

Essa sedução da fotografia, mencionada no parágrafo anterior, vai ao encontro de uma teoria sobre a confusão em relação à verdadeira utilidade desse perfil imagético: por um lado, a fotografia pode ser tomada como documento e, por outro, como arte. Além disso, é possível conceber esse recurso como material portador de confiabilidade, sendo, por isso, tomado como documento, função que tem resistido à história:

Da metade do século XIX aos dias que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, o valor documental da fotografia, a crença em sua exatidão e em sua verdade, vai estabelecer-se nos mecanismos, nas práticas e nas formas da “fotografia-documento”. Mas, tal crença moderna se situa igualmente na junção de numerosos enunciados que vieram alimentar a ficção, muito útil, do verdadeiro fotográfico (ROUILLÉ, 2009, p. 65).

Abordar a fotografia como documento é situá-la no campo de regimes de verdade, já que o documento, vinculado a instituições, possui um caráter de verdade. Essa característica entra em consonância com as considerações de Foucault (2016) quando aborda sobre a verdade e sua relação com a subjetividade. Esses regimes de verdade asseguram o que é verdadeiro em certo momento na história, atribuindo ao sujeito configurações de subjetividades. O enunciado fotográfico, portanto, possibilita pensar sobre esse caráter documental ligado a regimes de verdade, ligando esses dois teóricos.

Kossy (2009) aborda a realidade que a fotografia representa, fator que influencia seu caráter de verdade, considerando que se trata de um enunciado imagético que, de certa forma, fideliza uma realidade e a torna semelhante com a vida real propriamente dita. Desta feita,

a fotografia implica uma transposição de realidades: é a transposição da realidade visual do *assunto selecionado*, no contexto da vida (*primeira realidade*), para a realidade da representação (imagem fotográfica: segunda realidade); trata-se pois, também, de uma transposição de dimensões (KOSSY, 2009, p. 37-38, grifos do autor).

A representação da realidade destacada pelo autor evidencia o caráter de duas realidades: a realidade e a representação. Ao abordar as considerações sobre fotografia em diferentes espaços geográficos, González Flores (2011, p. 122) destaca a Grécia como referência para suas problematizações sobre essa temática. Este autor destaca que “a foto, entendida como imago, funciona como tautologia: a realidade e sua impressão parecem idênticas. Portanto, podemos dizer que a fotografia não é uma re-presentação, mas uma apresentação: objeto, verdade, contingência pura, ‘presença de realidade’”.

No contexto dessa representação de uma realidade, que resulta em verdade, sobretudo de cunho documental, é preciso considerar as condições de possibilidade que recaem sobre a fotografia. Tomando-a como enunciado, por esses teóricos e pela AD francesa, faz sentido recorrer às denominações de Foucault (2008) no que tange ao enunciado discursivo, cujas condições de possibilidade atribuem certa singularidade ao que é produzido. Essas condições não fogem ao contexto fotográfico, cujos elementos acabam por influenciar o resultado final e, de certa forma, colocam o caráter de verdade em xeque, pelas influências advindas do trabalho do fotógrafo.

Soulages (2010) traz essa abordagem para seus estudos, as condições de possibilidade, problematizando a relação de representação entre o objeto fotografado e o objeto fotográfico, sobretudo pelo sujeito que fotografa e pelo material fotográfico. Nessa mesma direção, Kossy destaca esses aspectos variáveis no trabalho do fotógrafo.

Tratam-se dos componentes que a tornam possível, isto é, materialmente existente no mundo: o *assunto* que é o objeto de registro, a *tecnologia* que viabiliza tecnicamente o registro e o *fotógrafo*, autor quem, motivado por razões de ordem pessoal e/ou profissional, a idealiza e elabora através de um complexo processo cultural/estético/técnico, processo este que configura a expressão fotográfica (KOSSY, 2009, p. 25-26, grifos do autor).

O que se percebe são vários elementos que envolvem o processo fotográfico, com destaque para a tecnologia, fator que merece destaque pelos avanços ao longo da história e, como já mencionado, para as mídias digitais que possibilitam o trabalho de alterações fotográficas, transformando-as em criações artísticas, criando efeitos de sentido que, no campo de documento não pode ser considerado pela perda de identidade pelas mãos dos internautas. Essas práticas cotidianas ganham sentido quando comparadas a essas condições de possibilidades citadas pelo autor, que vão muito além de um simples trabalho de se fotografar, pois as redes permitem que cada usuário seja um artista e circule fotografias da forma como bem lhes convêm.

Esse trabalho de se fotografar, bem como criar formas em fotografias aponta para uma condição relevante nesse processo: o sujeito. A fotografia, tida como documento, pelo fato de representar com fidelidade uma realidade e, por isso, ser digna de credibilidade, entra no jogo do sujeito (tomado aqui como discursivo) da linguagem. Frente a essa problemática, faz-se necessário indagar sobre as posições de dada realidade, o porquê fotografar em determinada posição e não em outra e o que está em jogo no mundo das imagens fotográficas.

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das ideias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação (KOSSOY, 2009, p. 20).

Como nosso trabalho se baseia na AD francesa, mais precisamente apoiando-se nos pressupostos de Pêcheux, trazer esse elemento ideologia se constitui em atitude pertinente no campo das análises fotográficas. O sujeito se constitui pelas ideologias e as fotografias apresentam em seu conteúdo esse cunho ideológico, tanto em relação ao fotógrafo quanto ao conteúdo fotografado.

Levando em consideração que o discurso é a troca de sentidos entre sujeitos, nessa ideologia do sujeito se faz presente, também, a memória, que Courtine (2009) problematiza. Cabe ressaltar que, além do sujeito que fotografa, existem também os sujeitos que manuseiam a fotografia, de diferentes maneiras, de acordo com a percepção de cada um, ligadas, também, às ideologias que os constituem. Quanto à ideia de memória, González Flores (2011) sublinha esse elemento como sendo a função da fotografia. “Em nossa cultura, a imagem é o equivalente, o vestígio ou o ‘índice’ de algo que existiu na realidade material” (GONZÁLEZ FLORES, 2011, p. 116).

Essa noção de memória considerada pelo referente teórico pode ser relacionada à memória discursiva, cuja fotografia apresenta em seu discurso, tendo em vista que o sentido discursivo só é permitido pelo interdiscurso, sinônimo de memória discursiva. “A concepção dominante da memória a explica, até o século XIX, como uma seleção mecânica de dados e imagens que são concebidos como oriundos de um arquivo/passado e levados a um exame/presente. ‘Aquilo que foi’ existe agora, resistindo à morte, na imagem” (GONZÁLEZ FLORES, 2011, p. 125). Memória não simplesmente no que concerne ao objeto fotografia em si, mas a realidade a qual ela representa e que entra em consonância com o presente de sua observação, dadas as ideologias dos sujeitos, e é nessa direção que as análises pretendem rumar.

A memória discursiva no enunciado fotográfico – a espetacularização do passado

A Festa dos Carreiros que acontece todos os anos, em Orizona-GO, ocorre sempre no segundo semestre do ano (entre agosto e setembro), não obedecendo a uma data mensal para cada edição. O prazo de duração do ritual é de três dias consecutivos, cujo desfile de carros de bois se constitui na principal atração da festa, reunindo pessoas de toda a região e de outras cidades circunvizinhas.

Carreiros de toda a região da referida cidade se reúnem, cerca de trinta (30), fator que sustenta o encontro, atribuindo-lhe um caráter de coletividade, como forma de resgatar uma tradição camponesa que nos dias atuais se encontra praticamente extinta. O encontro acontece no Povoado de Taquaral Capela, um dos vários povoados de Orizona que faz o papel de anfitrião do evento. Ressalte-se que esses carreiros se reúnem, ainda, com vários outros, na Romaria de Trindade (GO), uma das maiores festas religiosas do país.

Vale destacar que esse caráter camponês do município, se baseia no fato de que mais de cinquenta por cento da população ainda reside no meio rural, cuja principal atividade econômica é a produção de leite, além de outras como produção de cachaça artesanal, apicultura e criação de frangos caipira para o abate. No entanto, o que se percebe no município na atualidade, é uma modernização camponesa, bem como vem acontecendo em todo o Brasil, influenciando os modos de vida do sujeito camponês, sobretudo nos meios de transporte.

A Festa dos Carreiros faz sentido quando pensada no seu papel que é de resgatar essa cultura como forma de expor aos participantes essa identidade que predominava/predomina nas atividades rurais. Tendo em vista a extensão do artigo e a precisão do trabalho, selecionamos três (3) fotografias para análise, em diferentes momentos do desfile de carros de bois, por acreditar que esse número que compõe o *corpus* seja o suficiente para expressar, discursivamente, a essência dessa memória que é materializada nessas imagens fotográficas. Considerando as formulações de Pêcheux (2011), é possível afirmar que tais fotografias entram na configuração desse sujeito simbólico que as utiliza como recursos de sentidos. Vejamos a primeira:



Fotografia 1: Desfile de carros de boi
Fonte: COSTA, R. J. Edição-2017.

A fotografia 1 apresenta um teor discursivo que retrata o sujeito carreiro por representar o camponês tradicional, do ponto de vista de suas atividades corriqueiras, tais como o transporte de lenha, esta que era utilizada tanto no fogão a lenha da cozinha da residência quanto na produção de derivados da cana-de-açúcar, atividade que ainda hoje se faz presente no município. A lenha era utilizada na produção de cachaça, atividade pela qual o município é reconhecido. Para tanto, esses carros seguem enfileirados, como forma de organização do desfile, para uma melhor visualização dos espectadores presentes.

Esse discurso baseado em transporte de lenha apresenta uma memória cultural do sujeito camponês do município de Orizona, tendo em vista suas atividades, sobretudo econômicas, que norteiam esse resgate como forma de demonstração de um passado não muito distante que se faz presente na interdiscursividade do discurso presente. Vale destacar que além da lenha, outros produtos eram transportados pelos camponeses, como cana-de-açúcar, mudanças, cereais colhidos na roça (milho, arroz, mandioca, etc.). Nessas circunstâncias, vale destacar o que Foucault (2008) denomina de arquivo do enunciado.

A opção do transporte de lenha leva o espectador do desfile e da fotografia a lançar um olhar para outra dimensão discursiva que se encontra arraigada na caracterização do município sede da festa: o Centro-Oeste brasileiro. Esta região do cerrado, na época da utilização constante do carro de boi como meio de transporte,

possuía lenha em abundância, tendo em vista que o cerrado se encontrava em pé e não era explorado pelos lavoristas que o derrubaram para a prática da monocultura da soja. Portanto, a representação da lenha se constitui em uma memória discursiva, dado o sentido de transgressão em relação ao cerrado da região e do Brasil. Esse discurso de exploração do cerrado pode ser observado pela própria paisagem da fotografia, com poucas árvores que, de certa forma, ornamenta esse espaço geográfico escolhido para a representação de uma tradição camponesa.

Outro discurso pautado na memória social dos carreiros e dos entendidos desse meio de transporte, contido na fotografia, é a colocação dos bois mais fortes atrás. A quantidade de bois que se colocavam dependia do peso sobre o carro e a inserção desses bois mais fortes atrás se dava no sentido de estabelecer certo equilíbrio quanto ao trabalho dos bois em consonância com seus portes físicos. Os bois que trabalhavam juntos ao carro fazem mais força, o que exige esse cuidado, e os que se encontram em início de carreira são colocados sempre à frente. O número de bois para cada trabalho varia de dois a oito, aspecto que se pode perceber no ângulo da fotografia 2. Esse detalhe contido no enunciado aponta para essa memória que se baseia na técnica ligada ao manuseio desse transporte rural.



Fotografia 2: Desfile de carros de boi.
Fonte: COSTA, R. J. Edição-2017.

A fotografia 2 apresenta um teor discursivo que se baseia nas características do sujeito carreiro, no espaço do desfile e no horário em que essa representação acontece. Tomando as palavras de Pêcheux (2014), afirma-se que esse sujeito é constituído por formações ideológicas quanto aos trajes (roupas simples, chapéu de palha, botinas...) que de fato eram utilizados não apenas por carreiros, mas por sujeitos camponeses em geral, e que ainda nos dias atuais essa tradição é mantida. Essa caracterização apresenta uma interdiscursividade com o denominado sujeito caipira, como aquele que vive no campo e vincula-se a essas formações discursivas, atribuindo uma aliança entre o sujeito e o meio onde vive. Ademais, o próprio sujeito carreiro, pela sua tradição, pode ser tomado como ideologia ligada ao meio rural, pelas suas características corriqueiras até seus objetivos de vida nesse ambiente.

O desfile materializado no enunciado apresenta carros de boi se desfilando em uma estrada asfaltada, entre a sede do município e o povoado de Taquaral Capela, aspecto que cria um efeito de sentido, fazendo uma demarcação de fronteira campocidade, pela divisão que se percebe no chão na paisagem. Como se trata de duas ideologias distintas (campo e cidade), vale tomar as palavras de Pêcheux (2014) para a atribuição de sentidos concorrentes. Essa separação se fundamenta no discurso ligado à modernidade rural, cujo sujeito camponês segue as ideologias do sujeito urbano, e o discurso ligado ao desfile de um meio de transporte fabricado para se locomover em estrada “de chão” transitando em asfalto aponta para esse contraste. Porém, a memória se faz presente nesses discursos contraditórios.

No aspecto ambiental, a sombra do sol batendo nos bois atribui ao enunciado um sentido de trabalho realizado em horários matutino ou vespertino (nascer e pôr do sol), estabelecendo essa memória ligada aos carreiros em início e/ou fim de viagem. O sol, para o camponês, apresenta o sentido de elemento ligado à produção agrícola, e debaixo do qual ele trabalha para tirar o sustento da família. O sol presente no enunciado apresenta essa memória ligada ao camponês e, especificamente, ao carreiro, que entra em consonância com os trajes do sujeito já descrito, principalmente o chapéu que o protege desse elemento da natureza.

Sobre a paisagem rural, além do que já foi tratado, a casa ao fundo, isolada e localizada nessa paisagem rural, reforça a ideia de um sujeito camponês, que vive em fazenda e que as residências são distantes umas das outras. Ainda que o carro desfile em uma estrada asfaltada, essas caracterizações possibilitam essas dimensões

rurais, pautadas na ideologia camponesa e que apresenta essa memória de um camponês carreiro autêntico do passado. Essa interligação de discursos evidencia a memória defendida por Courtine (2009). Trata-se de uma memória social por integrar uma coletividade cujas raízes culturais se encontram arraigadas nessa formação ideológica que as constitui.

Quanto à memória ligada às técnicas de utilização de carro de boi, na fotografia 2 são materializados bois com chifres extensos, servindo de suporte para a canga que os une. Em relação aos comandantes, estes são sempre em dois, com suas varas de ferrões: um à frente e outro atrás, como suporte moral para guia dos bois na direção correta. Além de bois, carneiros também servem como alternativa para carros pequenos, de acordo com a fotografia 3:



Fotografia 3: Desfile de carros de carneiro
Fonte: COSTA, R. J. Edição-2017.

A Fotografia 3 materializa um enunciado voltado para uma tradição de carros de carneiros, prática que também era bastante comum no município de Orizona, tendo em vista seu custo mais barato e os trabalhos em dimensões menores que os de carros de boi. Esse carro de pequeno porte servia para os pais ensinar seus filhos a manejar esse meio de transporte, treinando-os para o trabalho com os carros maiores. Esse desfile com carneiros, direcionado ao público infantil, apresenta uma ideologia que se confunde com a própria prática dos carreiros em relação ao desfile apresentado: resgatar uma tradição pelo desfile, assim como o pai carreiro, no

trabalho de instrução com seus filhos, procurando manter viva uma cultura de trabalho no campo.

Como troca simbólica, bem como defende Pêcheux (2011), trazendo suas considerações para esta análise, além dos equipamentos e animais propriamente ditos, os sujeitos que compõem o público apresentam características peculiares nos seus trajes, unidos por uma ideologia camponesa que vai ao encontro dessa memória que se apresenta no discurso fotográfico. São especificidades de roupas que, no contexto do desfile, produzem sentidos.

No que concerne a esse discurso com foco na memória constitutiva do sujeito carreiro, percebe-se uma espetacularização do passado, tanto do ponto de vista dos sujeitos que compõem o público presencial, nas fotografias, quanto do público que observa essas fotografias. No que tange a essa materialidade discursiva, a fotografia é percebida, com valor documental, como portadora de uma verdade, tomando os denominados regimes de verdade de Foucault (2016) como elementos constitutivos da subjetividade do sujeito. Esse encontro entre o passado e o presente aponta para o que Pêcheux (1997; 1999) e Foucault (2008) denominam de acontecimento discursivo.

Esses enunciados fotográficos convidam o público leitor a dar um mergulho no passado do camponês orizonense e brasileiro, a conhecer a tradição dos carreiros, sujeitos interpelados pela ideologia rural que utilizam como meio de transporte o carro de boi para seus trabalhos ligados à agropecuária de subsistência. Esses sujeitos do desfile se inscrevem em uma formação discursiva vinculada a essa tradição e esse ritual recupera discursos do passado que sobrevivem na memória social desses sujeitos.

Para finalizar a viagem...

A materialidade apresentada nas três fotografias, pelas suas contingências, possibilita decifrar o resgate de uma tradição camponesa do município de Orizônia-GO e, para além do âmbito local, em dimensões a nível nacional, tendo em vista que se trata de sujeitos e prática que aconteciam praticamente em todo o Brasil. Não é possível afirmar que o discurso evidencia uma cultura já extinta, pois ainda há carreiros em exercício, sobretudo no município supracitado.

Apesar de evidente, há traços não visuais ligados ao carro de boi que merecem destaque e que apresentam relevâncias discursivas: a cantiga dos “cocões” no eixo, de som estridente e contínuo, barulho resultante da carga pesada sobre o carro; o rastro dos pregos das rodas na estrada de chão; viagem lenta. Trata-se de elementos que simbolizam essas práticas culturais e fazem parte do cenário ideológico desse sujeito carreiro. No que concerne ao canto, este é um aspecto importante nesse processo, tendo em vista que, na construção de carros de bois por carpinteiros da região, o teste do canto era realizado várias vezes até atingir o ponto adequado, satisfazendo à demanda tanto do construtor quanto do proprietário do carro. Esses discursos, não materializados nas fotografias, juntamente com o cenário do desfile, dão pistas para as formações discursivas desses sujeitos representantes dessa memória (redes de sentido) que os constitui.

No que concerne às fotografias, estas nos convidam para uma reflexão sobre vários aspectos, como o sujeito que fotografou o desfile, suas posições, o porquê desses ângulos e não de outros. São condições de possibilidade que acabam por influenciar o resultado final do trabalho, que apresenta caráter discursivo e, por isso, ideológico. No entanto, pelas materialidades constantes nos enunciados fotográficos, o que é evidenciado para o leitor são os discursos ligados à memória social, esta vinculada à prática de carros de bois, ao sujeito carreiro que dominava a região em um passado próximo e que até o momento atual ainda sobrevive, mas de forma rara e com objetivos distintos daquela época. O encontro entre o passado e o presente provoca o acontecimento discursivo, tendo em vista a historicidade que o possibilita, atribuindo sentidos específicos para esse desfile de 2017, assim como os sentidos que essas fotografias produzem para quem as olha e pelas verdades que as evidenciam.

Referências

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

FOUCAULT, M. O enunciado e o arquivo. In: _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 87-149.

FOUCAULT, M. **Subjetividade e verdade**. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SOULAGES, F. **Estética da fotografia**: perda e permanência. Tradução Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

GONZÁLEZ FLORES, L. **Fotografia e pintura**: dois meios diferentes?. Tradução Danilo Vilela Bandeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

ROUILLÉ, A. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. Tradução Constancia Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

Recebido em 10 de maio de 2019.
Aprovado em 21 de novembro de 2019